

Emissora promove concurso inédito em televisão

Curta-metragem: um produto 'in'

Gustavo Mansi

Marcelo Janot

Já vai longe o tempo em que, graças à obrigatoriedade de exibição nos cinemas, assistir a curta-metragem brasileiro era um exercício de paciência. Prova disso é o bom índice de audiência conseguido pela Rede Bandeirantes nos dois programas em que a sessão Cineclube Banco do Brasil exibiu curtas nacionais. Agora, dois anos depois de sua estréia, o programa dá um passo mais ousado: promove no próximo mês o Prêmio Cineclube Banco do Brasil para filmes de curta-metragem, uma iniciativa inédita na história da televisão brasileira.

As inscrições permanecem abertas até o próximo dia 20 para curtas produzidos a partir de janeiro de 1992. Nos dias 14, 21 e 28 de maio serão exibidos os 18 trabalhos selecionados, que serão submetidos a um júri formado por cineastas, críticos, professores de cinema e representantes da Rede Bandeirantes e do Banco do Brasil.

O resultado será divulgado no programa do dia 11 de junho, e os prêmios variam entre US\$ 4 mil e US\$ 1 mil para as categorias filme, diretor, roteiro, atriz, ator, fotografia, trilha sonora e montagem. Um júri popular, composto pelos 6.500 assinantes do boletim de divulgação do Cineclube, escolherá, através de um cupom encartado no informe, o melhor filme, numa categoria à parte que valerá os mesmos US\$ 4 mil do melhor filme eleito pelo júri oficial. Além disso, os 18 selecionados ganharão US\$ 1500 de direitos autorais pela exibição na TV.

O diretor do Cineclube Banco do Brasil e coordenador do concurso, Sérgio Celeste, explica que este é mais um passo no sentido de estreitar a relação do programa com o espectador, uma proposta que foi iniciada em outubro do ano passado, com a criação do boletim Plano Geral, contendo a programação do mês, dicas de cinema e classificados. O boletim é remetido gratuitamente pelo correio aos assinantes (os pedidos são feitos pela caixa



Dudu Sandroni (em pé) e Rodrigo Bruno em 'Lapso', que ganhou o prêmio de melhor direção de 92 em Brasília

postal 10.900 - CEP 70.300-980 - Brasília).

"No final do ano passado, quando inauguramos uma nova fase do Cineclube, programamos um mês dedicado ao cinema nacional, e a semana em que os curtas foram exibidos foi a de maior audiência. Chegamos à conclusão de que o que interessa é a programação de bons filmes, independentemente da nacionalidade", diz Celeste. "O curta-metragem é formador de cineastas e equipe técnica especializada, assim como objeto de renovação da linguagem cinematográfica", completa. Outra importante atribuição do concurso, na opinião do coordenador, é a de que, graças à TV, pela primeira vez um festival do gênero poderá ser visto em todo o Brasil, ao contrário dos eventos que acontecem em um só lugar.

Os premiados

Como o regulamento não impede a inscrição de curtas que já tenham participado de festivais de cinema, pode-se esperar um ótimo nível de candidatos. Já estão inscritos os premi-



Cena de 'Diário noturno' (1993)

ados "Batiman e Robim", de Ivo Branco, e "Diário noturno", de Monique Gardenberg, entre outros.

O cineasta carioca Marcos Guttman concorre com "Lapso", que lhe valeu o prêmio de melhor direção no Festival de Brasília de 1992. Empolgado com o concurso, ele exalta a iniciativa: "É uma atitude inédita e sensacional, muito válida porque a TV é um excelente mercado para o curta. Trata-se de uma iniciativa pioneira que tem tudo para dar certo".

Desde que o presidente Fernando Collor cortou todos

os subsídios para o cinema nacional, a produção de longas ficou praticamente zerada e as atenções se voltaram para os curtas metragens, que passaram a contar com estímulo de alguns governos estaduais. Só que enquanto os paulistas dispuseram do Prêmio Estímulo, oferecido pela Secretaria Estadual de Cultura, os cariocas tiveram que recorrer, na maioria dos casos, à famosa "sacolinha" junto aos amigos. Enquanto presidiu a Associação Brasileira de Documentaristas (ABD), Marcos Guttman tentou, sem resultados, conseguir apoio financeiro do governo estadual.

Por isso ele frisa que são iniciativas como a do Cineclube Banco do Brasil que possibilitam o retorno do investimento feito a duras penas. "Para produzir 'Lapso' desembolsei US\$ 1 mil, sem pagar nada aos atores. Se o trabalho for selecionado entre os 18, só com pagamento dos direitos autorais pela transmissão tenho um lucro de US\$ 500, o que já é pra pagar uma chopada para pessoal", exemplifica.